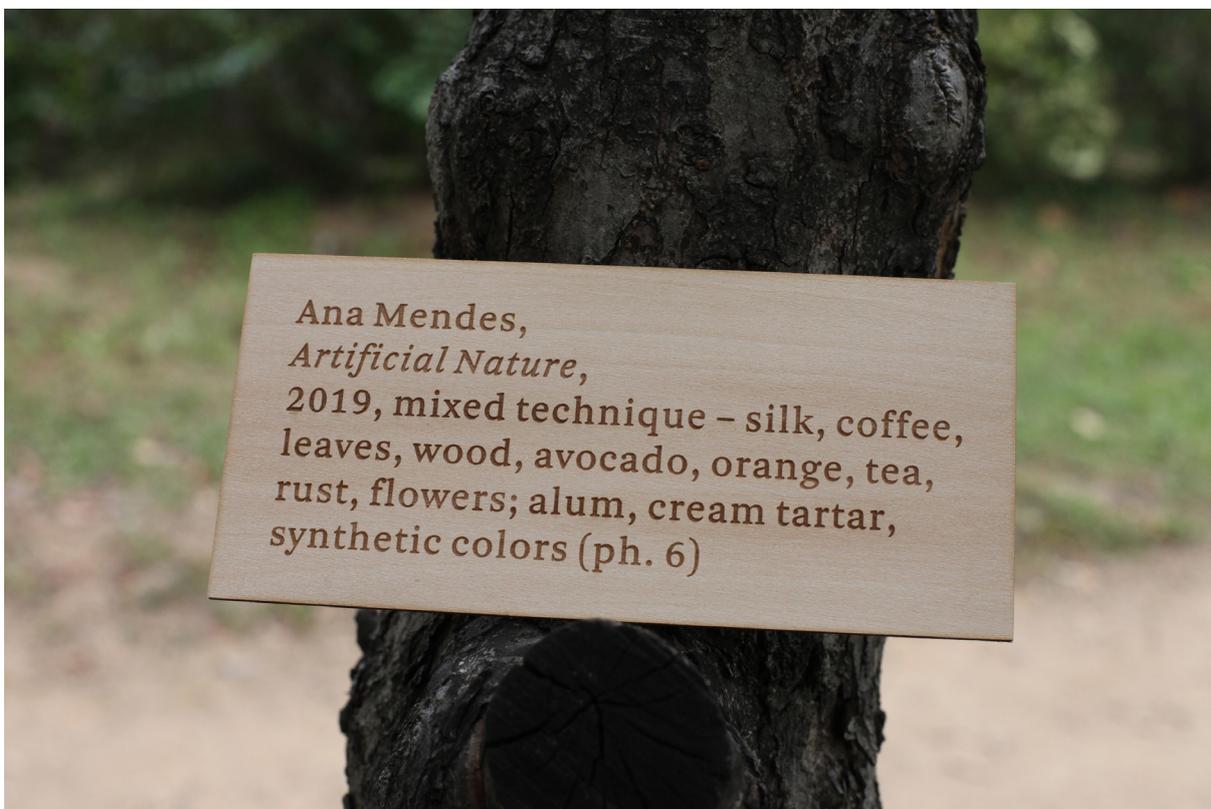




FILHOS DE IMPÉRIO E PÓS-MEMÓRIAS EUROPEIAS
CHILDREN OF EMPIRES AND EUROPEAN POSTMEMORIES
ENFANTS D'EMPIRES ET POSTMÉMOIRES EUROPÉENNES

Sábado, 13 de junho de 2020



Natureza artificial | 2019 | Ana Mendes (cortesia da artista)

HISTÓRIAS DE LONGE: O RACISMO E O FESTIM DA SERPENTE

Bruno Sena Martins

A crescente notoriedade de ativismos anticoloniais e antirracistas veio para desassossegar a placidez da nostalgia colonial ainda reinante nas ex-metrópoles europeias. Em estreita ligação com as contravagas que marcaram o fim dos ciclos imperiais, a presença de populações negras e afrodescendentes na Europa tem sido marcada por uma complexa reconfiguração das práticas de resistência nas últimas décadas. Em traços largos, poderíamos dizer que assistimos à passagem de testemunho entre, por um lado, gerações que na busca por uma vida melhor enfrentaram adversidades várias (racismo, xenofobia,



precariedade económica) mormente através de lógicas de “resistência quotidiana”(1) e, por outro, a sua descendência - simbólica e/ou familiar. Estes descendentes incluem, significativamente, uma geração emergente de negros/as que nas diferentes geografias europeias assumem hoje crescente visibilidade na academia, no ativismo e nas artes articulando a afirmação coletiva das suas identidades com a denúncia pública do racismo institucionalizado.

Como seria de supor, estes levantes têm despertado manifesta incomodidade em muitos daqueles que acreditam que falar de racismo é inventar um problema há muito resolvido, ou que consideram que a revisitação de memórias subalternas é escusada autoflagelação à vaidade imperial. Esse desconforto, amplamente instalado no senso comum da memória eurocêntrica, tem servido de pretexto para acirrar projetos políticos de aberta contraposição ao antirracismo anticolonial de hoje. Falamos, claro, das mobilizações ligadas aos projetos políticos de extrema-direita articulados pelo mundo, mas também de alguma esquerda que vê nas ditas lutas identitárias uma distração daquilo que deveria ser o concertado enfrentamento do capitalismo.

Vivemos tempos que clamam pela arte de contar as histórias vindas de longe: do tempo colonial aqui tão perto. O Canto de Ossobó (2018) é disso um bom exemplo. Neste filme, Silas Tiny convida-nos para uma deambulação poética pelas roças de São Tomé e Príncipe, espaços habitados por memórias proverbialmente esquivas, onde o pássaro da floresta, anuindo ao que dele reza a lenda, terá perdido a voz como repasto de uma serpente. O realizador, herdeiro das viagens da descolonização, parte de Portugal para regressar trinta anos depois à São Tomé e Príncipe da sua infância, da qual não guarda fotografias, perdidas numa viagem de incerto retorno, mas que reconhece graças à quietude com que o tempo passou pelo seu olhar. Roças como Rio do Ouro e Água-Izé não são, no entanto, lugares que se detenham nas demandas de uma evocação narcísica de um reencontro com o passado. São lugares dobrados aos espectros de uma incessante subjugação escravista (para cuja sordidez foram chamados corpos vindos de outras províncias do império), orquestrada sob os rigores dos proventos do cacau.

São Tomé, onde primeiro se terá ensaiado o regime produtivo da produção de cana que arrancaria milhões de africanos negros/as para as Américas no tráfico transatlântico de escravizados/as, só à ingenuidade permitiria um recuo no tempo que não esbarrasse nos espectros da escravatura, do trabalho forçado, dos castigos corporais, das carnificinas (2), da humilhação de tantos homens e mulheres que serviram o regime colonial submetidos à indignidade de não ter outra vida além da



HISTÓRIAS DE LONGE:
O RACISMO E O
FESTIM DA SERPENTE

miséria, do trabalho incessante e da sujeição à brutalidade de um qualquer capataz. O filme mostra-nos uma São Tomé e Príncipe independente, distante daquela em que os castigos corporais eram de lei até 1911; inicia-se com o nascimento de dois cabritos e passeia-nos por praias, escolas, igrejas, hospitais e roças exuberantes onde a vida, ainda que despojada por séculos de expropriação e exploração racista, parece seguir indómita. Mas o que nos fica, devorando o compasso contemplativo a que o filme nos finge convidar, são as imagens de arquivo: as fotografias e filmagens dos corpos mutilados, as paradas onde os corpos negros se alinham em formatura, os uniformes caricatos ao serviço da casa grande, as coreografias de celebração do Estado Novo. Quando pensamos nos lugares de violência extrema que povoam a experiência moderna, sempre se evidencia o respeito sepulcral imposto pela estreiteza de uma narrativa eurocêntrica, manifesto sintoma da lacuna a ser suprida por uma luta libertação contra a Europa da desmemória aprendida. Nenhuma descolonização do presente será pensável sem a renovada escuta dos cantos que o racismo tentou calar.

(1) Scott, James C. (1985), *Weapons of the weak: everyday forms of peasant resistance*. New Haven: Yale University Press.

(2) Como o Massacre de Batepá em 1953, de nos fala Inês Nascimento Rodrigues, no recente livro *Espectros de Batepá. Memórias e narrativas do «Massacre de 1953» em São Tomé e Príncipe* (2018, Afrontamento)

Bruno Sena Martins é investigador do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra e coordenador no programa de doutoramento “Human Rights in Contemporary Societies”, do Centro de Estudos Sociais e do Instituto de Investigação Interdisciplinar, Universidade de Coimbra. É investigador associado do projeto MEMOIRS - Filhos de Império e Pós-memórias Europeias (ERC n. 648624).

ISSN 2184-2566

MEMOIRS é financiado pelo Conselho Europeu de Investigação (ERC) no âmbito do Programa-Quadro Comunitário de Investigação & Inovação Horizonte 2020 da União Europeia (n.º 648624) e está sediado no Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra.

